

**PREZADO JOÃO GUIMARÃES ROSA
SAUDAÇÕES ENGORDADAS DE ASSAZ ALEGRIA!**

DEAR JOÃO GUIMARÃES ROSA: GREETINGS FATTENED UP BY TOO
MUCH JOY!

João Bosco de Castro Teixeira
Titular da Cadeira nº 29
Patrono: José das Chagas Viegas

 Estamos comemorando os cem anos de seu nascimento. Felizmente você não é santo canonizado, pois, então, haveríamos de comemorar o dia de sua morte, e, assim, as celebrações iriam demorar um pouco mais. Coisas da vida! Ou coisas da morte! De qualquer forma, você “já se desencostou de nossos olhos(103)ⁱ e com a gente fica, apenas, o padecimento do “mais terrível dos suaves sentimentos: a saudade...”(José Antônio de Souza, *Paixões alegres*, 205).

Mas, uma carta para um que no além se encontra? Mire veja, amigo João. Eu não tinha alternativa. Não iria me colocar a falar de você, de sua vida, de suas obras, para quem quer que fosse. Como se conhecido já não fora. Não iria me permitir tratar de algum aspecto particular de sua obra. Afinal, mais de mil teses já foram escritas sobre seus trabalhos literários. Seu universo cultural, espiritual, intelectual, poético, abriga muita gente, da mais variada formação, que olha para você dos mais diversos pontos de vista. Estudar a correlação entre a deusa grega da inteligência, Palas Atena, e Diadorim, ou as divergências entre seu diabo e os de Goethe ou Dostoiévski, não, não faria isso: faltam-me fôlego e conhecimento e, até mesmo, disposição. É que, com tal tipo de estudo, com tanta preocupação

maior, receava, do relato singelo que você faz de uma e outra coisa, perder a beleza singela que elas possuem. Das alturas, quando não se tem olhar perscrutável, corre-se o risco de não se verem os detalhes. E, na sua obra, as pequenezas são, além de determinadas, determinantes. A idéia de um trabalho desses, pois, “me governou um desgosto” (151). Por isso, fiquei onde estou. E respeitei onde você se encontra, que não sei onde é, mas deve de ser um bom lugar.

Então, uma carta. É que a carta, enquanto não sai da mão da gente, é nossa mesmo própria. Depois, é do outro, sem cobrança de retorno, a não ser sob forma de livre resposta. Que já é do outro, enquanto não chega até nós. Porque aí, então, já é nossa. Escrevo, pois, carta. E, pode crer, amigo João, dei “risadazinha velhaca, que entre dois podia pegar qualquer incerto significado” (247) quando pensei em lhe escrever. Só que, sentido incerto, entre nós dois, não podia pegar, pois apenas eu estou presente. Carta, de mim para você, que nunca a terá. Mas que, ficando comigo, vai encher de alegria meu tempo, que estou gastando com você, lendo e deslendo, e até palavração usando, pois foi assim que resolvi comemorar sua vida: tomando, não sei de que vez, o seu Grande sertão, cheio de tantas veredas, todas, caminhos de viajor que você foi e que, palavra, você tantas vezes usou como pseudônimo. Pois então, li, reli, “tresli”, declamei. E foi bom toda vida! Talvez seja uma carta de mim para mim, pensando em você. Mas, por acaso, não é assim que você escreve? Sem que o outro se envolva, não há leitor, porque deixa de haver ator. Há vários livros que a gente pode sobrevoar. Os seus, não. Eles exigem presença atuante, autorizada e criativa.

Carta, que seja, há ela de conter alguma notícia, que não sei se você aprecia daí, onde está, no aconchego da vida toda. João, você anda muito falado, muito lembrado nestes tempos. São cem anos, que você não viveu, mas que ficou para sempre. E quanta falação. Você parece “um vencedor da morte” (Sérgio Rodrigues Reis ESTADO DE MINAS: caderno Pensar. Belo Horizonte, 27.06.08) tal a quantidade de comemorações que se

Prezado João Guimarães Rosa.....

dão. Os alemães, então, nem se fala. Prometem para dezembro o maior de todos os seminários em sua honra. Também pudera: aqueles cidadãos, se não passarem a vida estudando, têm pouca outra coisa para fazer. E se estudam tanto, em você encontram manancial sem fim para curiosar, especular, e, mais que tudo, se encantar. Pois seus escritos requerem “um olhar, um silêncio, um mergulho no que está por trás de cada letra”(S.R.Reis). Os alemães descobriram que “Sua literatura é um labirinto dentro do universo da natureza humana” (S.R.Reis). Parece que eles leram Adélia Prado que dizia “que se houvesse uma hecatombe mundial e sobrasse uma única pessoa, a Bíblia e o livro` Grande Sertão: veredas`, a partir dali poderia ser refeita toda a humanidade” (S.R.Reis). O tema central do seminário dos alemães vai ser sobre o *Grande Sertão: Veredas e o Doktor Fausto*, de Thomas Mann. Já pensou, João?!. Fico arrepiadinho quando penso em você ao lado dessa gente grande, que fique menos pequena perto de você.

Estão te esquadrinhando de todo lado, João. Olham para você do ponto de vista das ciências biológicas (medicina, botânica, zoologia), do ponto de vista das ciências humanas (filosofia, religião, mitologia, história, geografia, ciência política); do ponto de vista das ciências da linguagem (ecdótica, análise do discurso, psicanálise, estética da recepção, linguística, semiótica, análise das traduções e da construção narrativa, poética, memorialista e correspondência) ou ainda do ponto de vista do turismo e da gastronomia. Trata-se de estudos estilísticos, lingüísticos, retóricos, gramaticais, intertextuais, culturais ou comparatistas, que contrapõem você e os mais diferentes autores, desde os clássicos Homero, Ésquilo, Virgílio, Shakespeare, Camões, até aos modernos e contemporâneos Cervantes, Cortazar, Dostoievski, Tolstoi, Goethe, Proust, Euclides da Cunha, Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Saramago, Manoel de Barros, Mía Couto e até Machado de Assis, como acontece na UFMG.

E tudo isso, na mão desses estudiosos, está virando livros, ensaios, artigos, comunicações, produção de filmes, realizações teatrais, televisivas,

musicais e obras de artes plásticas – pinturas, esculturas – tudo a testemunhar a vitalidade de sua obra. Também pudera, você falou do sertão e das veredas, de Deus e do diabo, das interrogações universais e das tutaméias do ser humano. Que coisa grande! João, a verdade verdadeira é que o povo se encanta com você. Eu opino que está certo, pois, afinal, você se encantou com o povo. Ora veja! (Notas de Lélia Parreira Duarte e outros no Estado de Minas, caderno Pensar, de 27.06.08).

Mas, o que quero mesmo, com a minha carta, é dizer a você: muito obrigado. Aliás, muitos muito obrigado. Pois veja.

O primeiro muito obrigado se deve ao fato de ter eu querido prestar atenção demorada nas tiradas do Riobaldo, naquelas falas diretas, sem nuvens, que aprecio demasiado. Para tudo ele tem palavras aplicadas, indevidas de segundas intenções. E, mais uma vez, me encantei. Quando ele quer falar da fidelidade, não titubeia: “Cavalo que ama o dono, até respira do mesmo jeito” (89). “O pássaro que se separa do outro, vai voando adeus o tempo todo” (459); ”Choca mal, quem sai do ninho” (530). Que coisa mais precisa! Parece que a gente está até vendo as coisas, na qualidade do palavreado: o cavalo fungando, o pássaro se perdendo, o ovo não chocado... Se o assunto é o amor, às vezes, Riobaldo fala poeticamente; às vezes, fala com exigência de razão: “A flor do amor tem muitos nomes” (206); “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (327); “O amor dá as costas a toda reprovação”(484)! Tudo é pura precisão! Quando é para chamar a atenção sobre o saber, o conhecer, não engana, pois, primeiro lembra que: “Quem desconfia, fica sábio” (154); “Pessoa limpa, pensa limpo” (161); para depois ralhar: “A gente sabe mais de um homem é o que ele esconde” (354); “Rir antes da hora, engasga” (427); “Cavalo sempre relincha exagerado” (445). E outros ditos há, também, que põem sentido em outras mais verdades maiores: “As coisas mais influentes da vida chegam mais sorratamente, ladroalmente”(447); ”As coisas que acontecem, é porque já estavam ficadas prontas”(453); “Mente pouco, quem a verdade toda diz” (380); “O que dá fama, dá desdém” (503); “Sossego traz

desejos” (540.). E fico encantado: “Vingar é lamber frio, o que o outro cozinhou quente demais” (110); “Homem é rosto a rosto; jagunço é no quem-com-quem”(176). João, “essas idéias instruídas me fornecem paz” (55). Elas são formadas de “palavra pensada, palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo” (194), “descrevem coisas que não cabem em fazer idéia” (226) E isso me cativa. Tem tempo que até me prende. Faz mal, não. Não faz. É prisão libertadora do espírito. Prisão sem limites. Eu sinto assim. Eu sei.

João, mas eu tenho mais outro “muito obrigado” para lhe dar. Em alguns lances de seu viajar, diante de certas encruzilhadas, nas muitas veredas, no “perigoso do viver,” você me lembra verdades mais verdadeiras que manhãs manhaneiras, onde se pode “tomar todos os cheiros. Respirar a alma daqueles campos e lugares” (340). Trata-se de coisa “que estraleja, inventante e forte” (344). Pois, ora veja. Para início de conversa, ouço você dizer: “Confiança não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa” (72). Mas, “Viver perto das pessoas é sempre dificultoso, na face dos olhos” (192), porque, “ natureza da gente é muito segundas-esábados. Tem dia e tem noite, versáveis, em amizade de amor” (196). Apesar de todas as dificuldades, muitas, impertinentes, você indaga “Por que é que todos não se reúnem para sofrer e vencer juntos, de uma vez? Eu queria formar uma cidade da religião” (326). “Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor” (327). “Porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada” (477). Riobaldo diz isso no meio do fogo cruzado, não por medo algum, que ele tinha mira perfeita, mas por urgência de tudo ser diferente do que é. Ele sabe que “há coisas de medonhas demais, tem”(37) que não carecia de ter. Por isso sonha que a gente “pudesse tirar de si esse medo de errar” que, então, “a gente estava

salva”(201), e que ninguém tenha “licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu – o que quero e sobrequero – é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim” (410). E a gente sabe, como sabe e muito, porque é que essas palavras são suas, João. É porque há outras mais anteriores e mais fortes: “Dentro de mim eu tenho um sono, e mais fora de mim eu vejo um sonho – um sonho que eu tive. O fim de fomes”(451). Para isso, “O que imponho é se educar e socorrer as infâncias deste sertão” (413.). João, que coisa maior, esse seu sono, iluminado por esse sonho. Nem que seja de olho aberto, eu também quero dormir esse sono e ter um sonho assim. Sonho “clareoso” de tão iluminado. Muito obrigado.

No seu andar “pensoso” você chega onde qualquer, que pensa e medita o mundo, devesse chegar. Esses mais que para isso escolheram viver. “*Toleima*”, diria você. Mas, você que não é de ficar esperando chuva cair, avança numa verdade-caminho sem fim: “Caçar a companhia da gente como um costume necessário...” porque “sem isso ele não conseguia direito se pertencer” (451). Para um ser se pertencer, precisa do outro. “Tornar a encontrar companheiros desses, aí é que se põe significado na vida, se encompridando se encurtando” (450). “E de ver um companheiro assim se aparecer, de ausências, a gente ganhava mais mocidade” (502) João. Não tenho vergonha, não, não tenho, de ficar muito feliz de você ter existido e ter dito essas certas muitas coisas. “Vi um sol de alegria tanta” (264). Por isso, mais este muito obrigado Mas...

Mas tem um assunto que me é todo inteiro, meio sem pé nem cabeça, mas parecido demais com outras coisas lidas, completadas, sobre sua obra. Depois que me disseram, pela leitura e pela conversa, que o *Grande Sertão: veredas* é o *Roteiro de Deus* que o Riobaldo, viajor, percorreu; depois que, também, me disseram, em letras e sons palavreados, que os sete contos do *Corpo de Baile*, na ótica de Plotino, são os sete planetas do sol e que o conto do meio – O recado do Morro, é a Terra; e que na ótica de Ruysbroeck, místico belga do século XIV, os sete contos

Prezado João Guimarães Rosa.....

correspondem aos sete sacramentos e que o Recado do Morro, conto central, é a Eucaristia, então tomei assunto e criei coragem menos medrosa, pois “eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é, coragem em mim era variável”(62) e disse para mim mesmo: então, tudo sendo assim, o Sertão, que o Riobaldo percorre, conhece e desfruta, é o Reino de Deus. Será que isso é loucura? Será que isso é coisa de quando “a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade”? (263) Não sei, não, sei é “que se puxou de mim uma decisão e eu abri sete janelas...” (53) pra ter coragem “precisada” (350) de lhe perguntar a você que já anda “entornadamente” no Deus que te sobreveio: Oh! João, você pensou mesmo nisso tudo, ou é a gente que joga essas considerações pra cima de você? Ouvi de gente que conheceu você de perto, a Heloísa Vilhena, vinte anos de carreira diplomática do seu lado, estudiosa e conhecedora de muitas coisas feito você, ouvi dela, repito, que em tudo isso você pensou. Mas achou mais verdadeiro falar de maneira diferente, à feição de parábolas, para que quem quisesse entender, entendesse do jeito que quisesse. Que coisa boa, deixar que cada um viajasse “mas de outras maneiras: transportar o sim desses horizontes” (407) cada qual com o seu, sem maiores nem menores autoridades, senão o desejo de encontrar pelos caminhos, planos ou não, dificultosos ou não, razão para encher a vida de alegrias “porque natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” (433).

De minha parte, com ou sem a sua autorização, vejo no *Sertão* o grande Reino de Deus que Jesus quis anunciar e plantar. É muita semelhança, João. “Mire veja”. Começa com aquela beleza: “Sertão é dentro da gente” (325”); “O sertão está em toda parte (24). Quem não se lembra: O Reino de Deus intra vos est... dentro de vocês. Começa assim, mas, ao depois, vão acontecendo falas muito parecidas. As de Jesus, Filho de Deus, se entrelaçam com as suas, que agora repito, para minha alegria e regozijo maior: “O sertão aceita todos os nomes”(506) – Na casa de meu pai há muitas moradas... “O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos

governa...” (511). O sábado para o homem, e não o homem para o sábado. “O sertão é uma espera enorme” (591) e “O sertão é quando menos se espera”(325)... Quem não se lembra: “Quando menos esperardes...”No centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo” (301). Nisso aqui, então, João, vejo Jesus todo inteirinho, dizendo que aquilo que é loucura diante dos homens pode ser sabedoria diante de Deus. E mais: “O sertão tem medo de tudo. Mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer” (329). O outro, o primeiro, o definitivo dizia: “Não vos preocupeis com o que haveis de dizer, pois ...”. E tem mais coisa que me amolece. Ouvir Jesus falar que o que anda fora da gente não é nada. E tudo é o que tem dentro da gente. Em nós é que está o bem e o mal, o feio e o bonito, o verdadeiro e o mentiroso. E não o contrário, às avessas. Ora, pois, “o mal ou o bem, estão é em quem faz...” (113) “Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor conforme o senhor mesmo”(537) porque “Só que o sertão é grande ocultado demais” (521) e “Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas” (116) Não tem jeito de esquecer: Meu pai ocultou essas coisas aos poderosos e as revelou aos pequeninos... Aqui me encantam umas suas palavras, bem próprias e definidoras, do seu não conhecimento, mas igualmente de seu bom senso sem limites: “Sei o grande sertão? Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas... “(590). Enfim, João, esse sertão que “é do tamanho do mundo”(89), cujos dias passados “vão indo em fila para ele” (327); que “desde o raiar da aurora tonteia... os tamanhos, a alma deles” (331); que “O senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem” (397); esse sertão que é bom, mas onde “tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado... é confusão em grande demasiado sossego”(470); esse sertão que é “Travessia perigosa, mas é a da vida; sertão que se alteia e se abaixa” (558); esse sertão, João, é

Prezado João Guimarães Rosa.....

do “Deus urgente, sem pressa. O sertão é dele” (519). Deus que você vê com olhos de águia. Pois seu Deus que se encontra na “Travessia, Deus no meio” (325), “Governa grandeza” (170) e deixa para a gente os caminhos: “Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe, mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus” (359); esse “Deus que dá as costas, mas abaixa meio ouvido” (500); esse Deus “que quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza” (334); esse Deus que “existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma... Deus existe mesmo quando não há” (76). Esse Deus é “TRAVESSIA, Deus no meio”! (325); por isso, “Minha alma tem de ser de Deus: se não, como é que ela podia ser minha? João, essas palavras são suas. Mas perto das d’Ele. O que existe é o Sertão, é o Reino de Deus, onde para todos há lugar, caso queiram se encontrar. Onde se aprende a conviver com a insegurança, a fugacidade do tempo e a instabilidade. Onde é preciso estar e caminhar, desafiar e enfrentar, chorar e sorrir, enfim, amar e, então, ver, de perto e de fato, que a solução do mistério da vida, Diadorim, aqui se revela, para quem puder ver, ainda que no entardecer.

João, carta longa, menos comprida, verazmente, que o “muito obrigado” que eu quis lhe dar nestes cem anos de seu nascimento. Garanto a você: de minha parte você continua nascendo, que acalento tanto suas falas. De meu juízo, o que aconteceu com você foi apenas o “sobrevir de Deus, entornadamente (342).

João, dizem que todo João é bobo. Se for para ser como você, quero ser mais que João: quero ser joaozão. Um abraço.

São João del Rei, 27 de junho de 2008.

João Bosco C.T.

P.S. Não se preocupe em me responder. Sei que você não tem prazos.

ⁱ [Os números, entre parêntesis, referem-se às páginas da 19ª. edição, 13ª. impressão de *Grande Sertão: Veredas*, de 2001, da Editora Nova Fronteira].